

Fernando Molica

Sérgio Mendes e a morte de um Brasil

A morte do pianista e compositor Sérgio Mendes remete a um Brasil que já foi muito mais desejado e admirado no mundo, sinônimo de alegria, festa e beleza. Uma imagem hoje esmaecida: semana passada, o jogador de futebol americano Darius Slay, do Philadelphia Eagles, criticou a realização de um jogo de seu time em São Paulo, ao ressaltar que nosso país tem uma alta taxa de criminalidade.

Como lembrou a jornalista Flávia Oliveira, a morte de Mendes ressalta a importância do que passou a ser chamado de “soft power”, poder suave, numa tradução literal. É uma qualidade capaz de angariar simpatia para, no caso, um país. Algo que tem uma grande importância não apenas na atração de turistas como na movimentação de outros setores da economia.

Ao se espalhar pelo mundo, o cinema americano divulgou e estabeleceu modos de vida, vendeu produtos, gerou carinho e identificação com um país de história complicada, que ao longo de sua existência invadiu outras terras e patrocinou tantos golpes de Estado.

É quase inevitável suspirarmos ao falarmos da França, país que transpira charme, elegância, comida, vinhos espetaculares, tradição artística e cultural. Tudo isso é verdade - fora que eles sempre terão Paris -, mas a França também exigiu indenização pela independência do Haiti, fez testes nucleares na Polinésia, invadiu territórios, resistiu de maneira cruel à independência da Argélia, rendeu-se a Hitler, colaborou com o nazismo.

Mas todos esses crimes históricos cometidos por Estados Unidos, França e tantas outras

nações acabam ficando em segundo plano quando visitamos ou ouvimos falar das belezas que têm para mostrar - a família real britânica é outro poderoso instrumento de “soft power”.

Ao longo de muitas décadas, o Brasil exportou essa poderosa imagem que nos associava à felicidade. Até bandidos do cinema americano davam um jeito de vir para cá: “Fly to Rio”, ordenavam. Tivemos, ao longo do século 20, embaixadores como Carmen Miranda, Pelé, Garrincha, João Gilberto, Ary Barroso, Glauber Rocha, Tom Jobim, a Garota de Ipanema, as escolas de samba e o Carnaval, o próprio Mendes.

Mas, duro dizer, jogamos contra o nosso próprio patrimônio, cometemos o erro de acreditarmos na nossa imagem estereotipada. O país, ancorado na escravidão, fingiu não ver que não daria certo manter tanta gente excluída, fora da festa apresentada aos olhos gringos.

Chegamos ao século 21 sem resolvermos problemas de educação, saúde, saneamento e habitação, que impactam diretamente na segurança pública. Nos tornamos um país perigoso, triste, que, de uns anos para cá, radicalizou na brutalidade, no preconceito e na violência, inclusive institucional.

Ao longo de sua carreira, Sérgio Mendes batizou bandas que o acompanhavam com o nome do nosso país seguido dos dois últimos algarismos de um determinado ano, como no caso do Brasil 66, que produziu música alegre, inventiva, sofisticada, que dialogava com o mundo. Hoje, a trilha sonora seria outra, bem mais dura e menos dançante. A morte de Mendes ressalta um país que, doente, insiste em abrir mão do futuro.

Celina Leão*

Machismo e Assédio Sexual: O Brasil não pode mais silenciar diante da violência contra as mulheres

O Brasil carrega em sua história o peso de uma cultura profundamente enraizada no machismo. Esse sistema de opressão, que se manifesta em atitudes e comportamentos de controle e subjugação, impacta diretamente a vida de milhões de mulheres, especialmente no que se refere à violência sexual. O recente caso de assédio envolvendo o ministro dos Direitos Humanos, Silvío Almeida, destaca não só a gravidade desse problema, mas também a urgência de se combater o machismo de forma efetiva em todas as esferas da sociedade.

A diferença entre um flerte e um assédio precisa ser amplamente compreendida. O que distingue uma aproximação consensual de um crime está no respeito e na liberdade de escolha do outro. No entanto, o assédio sexual é, infelizmente, uma realidade comum na vida de muitas mulheres que, frequentemente, se veem expostas a avanços indesejados e situações de abuso. O assédio não se resume apenas a palavras; ele envolve toques sem consentimento, comportamentos invasivos e, muitas vezes, o uso de poder ou posição hierárquica para coagir. Isso é uma violação direta da dignidade e da liberdade de quem sofre essas investidas.

O Código Penal brasileiro é claro ao definir o que constitui assédio e importunação sexual. Mesmo assim, há uma dificuldade latente em reconhecer esses crimes em ambientes de trabalho, instituições de ensino e outras esferas sociais. Não raro, as vítimas veem suas denúncias desacreditadas, sendo tratadas com ceticismo e enfrentando retaliações. No caso de figuras públicas, como o ministro Silvío Almeida, a responsabilidade é ainda maior, pois essas pessoas ocupam cargos que simbolizam a proteção de direitos fundamentais. Quando um líder que deveria representar a defesa dos direitos humanos é acusado de assédio sexual, a contradição é gritante e o impacto dessas denúncias se estende a toda a sociedade.

A opressão que as mulheres sofrem no Brasil vai muito além de um caso isolado. Dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública mostram que, em 2023, mais de 40 mil casos de importunação sexual foram registrados, e mais de 8 mil de assédio sexual. Esses números representam apenas a ponta do iceberg, pois muitas vítimas ainda temem denunciar, seja pela falta de confiança no sistema, seja pelo medo de represálias. O ciclo de violência que começa com assédios e importunações é explicado por diversas promotoras de Justiça como a primeira etapa de um processo que pode culminar em feminicídios, se não for interrompido a tempo. A violência contra a mulher no Brasil é uma realidade alarmante e inaceitável, e precisa ser tratada com seriedade por toda a sociedade.

Além da questão criminal, o assédio sexual carrega um fardo psicológico e emocional para as vítimas. O ambiente de trabalho ou estudo, que deveria ser um espaço de desenvolvimento e oportunidades, torna-se um local de medo, insegurança e silêncio forçado. A lei 14.540,

que cria o Programa de Prevenção e Enfrentamento ao Assédio Sexual na administração pública, e a Lei 14.457/22, que obriga empresas a estabelecerem canais de denúncia para casos de assédio moral e sexual, são passos importantes para enfrentar essa questão, mas ainda insuficientes. É fundamental que haja uma mudança estrutural, em que as mulheres possam se sentir seguras ao relatar casos de abuso e que seus relatos sejam tratados com a devida seriedade e urgência.

Não podemos ignorar que os crimes sexuais no Brasil são, em sua grande maioria, cometidos por homens contra mulheres. Essa realidade reflete um padrão de poder e dominação que precisa ser quebrado. A palavra das mulheres deve ser ouvida e valorizada, pois ignorar suas vozes é perpetuar a violência. Canais seguros de denúncia, proteção às vítimas e a responsabilização dos agressores são pilares essenciais para transformar essa realidade.

O caso envolvendo o ministro Silvío Almeida reforça a necessidade de tratar essas questões com rigor. O afastamento imediato de figuras públicas acusadas de assédio, até que as investigações sejam concluídas, é uma medida fundamental para garantir a integridade do processo e a segurança das vítimas. A sociedade espera que todas as denúncias sejam investigadas com imparcialidade e rigor, independentemente do cargo ou da influência do acusado.

Para avançar, precisamos de uma cultura de respeito, onde o consentimento é a base de todas as interações e onde o corpo das mulheres é visto como inviolável. O machismo precisa ser confrontado em todas as suas formas, e isso inclui reconhecer e punir aqueles que utilizam sua posição de poder para subjugar e violar o direito à liberdade e à dignidade feminina.

O caso de assédio envolvendo o ministro Silvío Almeida levanta questões profundas sobre a opressão que as mulheres enfrentam diariamente no Brasil. O machismo estrutural em nossa sociedade perpetua a violência e o silenciamento de vítimas, e isso ocorre em todos os níveis, inclusive nas esferas mais altas de poder. O fato de um caso como esse ter sido mantido em silêncio por tanto tempo, dentro de uma posição tão privilegiada e influente, revela um problema ainda mais grave: o silêncio dentro dessas esferas de poder não só é alarmante, como representa um mal institucionalizado. Não seria necessário expor a vítima ou as vítimas, mas ignorar o problema contribui para sua perpetuação, criando um ciclo de impunidade e invisibilidade. Se um caso como esse é silenciado em cargos tão altos, o que não ocorre em instâncias menores e mais vulneráveis da sociedade?

A sociedade espera que as denúncias sejam apuradas com rigor, e que, caso seja condenado, o ministro responda igualmente com rigor. O silêncio não pode continuar sendo cúmplice da injustiça.

***Vice-governadora do Distrito Federal**

EDITORIAL

Os ‘companheiros’ que atrapalham o governo

Alguns falam que político quando entra em terceiro mandato normalmente não vai bem. Neste governo Lula 3, a dificuldade começou logo na largada, na composição do ministério, para buscar votos no Congresso, já que ele é mais para o lado do conservadorismo do que para o eixo político do PT. Lula deixou os principais ministérios para sua base e nomes de confiança. Aqueles aos quais poderia negociar, entregou para os partidos. Porém, ao longo do governo, as legendas começaram a pressionar por mais espaço e, consequentemente, trocar foram feitas e algumas pastas criadas ou turbinadas para angariar votos em matérias importantes tanto na Câmara quanto no Senado. Todavia, o que mais está atrapalhando Lula 3 não são propriamente estas composições, e sim os escândalos dentro do próprio Planalto e na Esplanada.

O mais recente se deve ao caso de assédio sexual envolvendo o ex-ministro dos Direitos Humanos, Silvío Almeida. Além da denúncia da ONG Me Too, há uma denúncia da Igualdade Racial, Aniele Franco, feita a partir de um episódio em uma reunião ministerial em 2023, na qual Silvío Almeida teria passado a mão nas pernas de Aniele, dados beijos e ter dito palavras um pouco incon-

venientes para a ministra. O caso, que só explodiu por agora, ficou nos recônditos do Planalto, mas gerou desgaste interno, principalmente entre os aliados de Lula.

Não se pode esquecer também a questão do ministro das Comunicações, Juscelino Filho, indiciado pela Polícia Federal por desvio de verbas de emendas parlamentares, enquanto exercia o cargo de deputado, antes de ser nomeado para a Esplanada.

A baixa de mais uma pessoa na equipe ministerial prova o quanto está sendo difícil evitar desgastes neste governo, seja interno ou externo, pois ainda há a questão da Venezuela e Maduro, onde o Brasil está em cima do muro, pela questão pessoal de Lula com o atual presidente venezuelano e a pressão internacional para uma posição mais firme do país às eleições do vizinho sul-americano.

Resta saber como será o fim de 2024 com as eleições municipais e se uma reforma ministerial pode vir em 2025, já buscando apoios para a reeleição ou suporte para um candidato indicado, caso haja pressão interna como aconteceu com Biden nos EUA. Contudo, ao que tudo indica, deve ter gente no Planalto torcendo para mais nada de grave acontecer e o ano terminar logo.

O triste ‘mar’ enfumaçado de Brasília

Em seus primeiros dias após a fundação em 1960, um dos pontos de resistência dos servidores públicos que antes serviam no Rio de Janeiro para se mudarem para a nova capital no Planalto Central era a inexistência do mar e das praias. O que fez o urbanista Lúcio Costa, um dos criadores da nova cidade, a dizer que “o céu é o mar de Brasília”.

Lúcio Costa foi o primeiro a se maravilhar com o céu de azul intenso. Que ganha inesperados contornos de diversas cores no seu por do sol. Nessa hora, o horizonte se confunde com tons que vão do vermelho ao verde, roxo, lilás. O brasileiro aprendeu a admirar tanto a sua praia celeste que hoje um dos pontos mais movimentados é a Praça do Cruzeiro, onde famílias se reúnem em piqueniques para apreciar o sol se por.

Tudo isso, no entanto, vem sendo ameaçado nos últimos dias. Longe do azul celeste intenso, o céu de Brasília anda acinzentado. Amarelado. Triste. Nada nítido. Tomado por uma forte e perigosa fumaça. O cheiro de algum fogo distante se entranha nas narinas das pessoas assim que elas saem de casa e adentram as ruas. Aliado ao forte calor e à seca intensa, que chegou a terríveis 7% de umidade relativa do ar no Gama na semana passada.

A tristeza da paisagem se agrava mais ainda com os problemas de saúde. Tosse, rouquidão, crises de asma, mal estar. Se é verdade que o brasileiro normalmente enfrenta tudo isso nos períodos de seca na cidade, a degradação ambiental com os incêndios agravou fortemente a situação.

Brasília não merece tamanha tristeza. Brasília é símbolo da modernidade e do poder de criação do homem brasileiro. Exemplo de civilização para o futuro. E um futuro poluído, de ar irrespirável, é tudo o que não queremos. Que retorne o mais rapidamente possível o “céu de Brasília, traço do arquiteto” cantado por Djavan. Como ele, é assim que gostamos da nossa capital.

Opinião do leitor

Congresso

Excelente coluna do Rudolfo Lago (02/09) revelando que as senadoras Eliane Gama (PSD-MA) e Soraya Thronicke (Podemos-MS) estão realmente decididas e já em campanha na disputa para suceder o senador Rodrigo Pacheco (PSD-MG). As senadoras são guerreiras. Vocacionadas para o bem público.

Vicente Limongi Netto
Brasília - Distrito Federal

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA

HÁ 95 ANOS: DESFILE DA INDEPENDÊNCIA LOTA O CENTRO DO RIO

As principais notícias do Correio da Manhã em 8 de setembro de 1929 foram: Desfile de 7 de setembro lota a Avenida Central, sem

o príncipe Humberto. Senado norte-americano debate as reformas das tarifas fiscais. A situação na Palestina ainda não é de tranquilidade. Câ-

mara e Senado com sucessão presidencial e seus candidatos fazendo discursos comoventes e cativantes nas duas Casas Legislativas.

HÁ 75 ANOS: AUTORIDADES MUNDIAIS NO DESFILE DA INDEPENDÊNCIA

As principais notícias do Correio da Manhã em 6 de setembro de 1949 foram: Chanceleres de EUA, Inglaterra e Canadá vão de-

bater soluções para a crise do dólar. Congresso boliviano fará uma investigação para saber se rebeldes estão recebendo dinheiro do estrangeiro.

Governo da Alemanha Ocidental começa a se estruturar. Parada da independência tem 30 mil homens e autoridades internacionais.

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929)
Paulo Bittencourt (1929-1963)
Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Direção Executiva: Marcos Salles (Presidente)
marcos.salles@jornalcorreiodamanha.com.br

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)
redacao@jornalcorreiodamanha.com.br
Redação: Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, e Rafael Lima
Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação)
Leo Delfino (Editor)

Telefones (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872
Whatsapp: (21) 97948-0452
Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Melo Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ - CEP: 22775-057
Brasília: ST SIBS Quadra 2 conjunto B Lt 10 - Núcleo Bandeirantes -
Brasília - DF - CEP: 71.736-20
www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.

